



## Reflorestar a Bíblia: uma prática vegetal e ecofeminista

Emanuely Miranda[1]

**RESUMO:** O texto bíblico foi tomado pela monocultura hermenêutica para fixar um padrão, contar uma história única sobre o feminino e a natureza, além de colocar a necroteologia em funcionamento. Surge assim uma religiosidade que ataca o cosmos e coloniza as espiritualidades. Inspirado em D. H. Lawrence, este artigo diz sobre a importância de reflorestar a Bíblia, imagina experiências de vida com o texto bíblico e ensaia uma reconexão cósmica e espiritual. Assim o faz, porque compreende o movimento de reflorestamento como uma prática vegetal, ecofeminista e necessária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bíblia. Ecofeminismo. Monocultura. Reflorestamento.

---

Reforesting the Bible: a plant and ecofeminist practice

**ABSTRACT:** The biblical text seized by the hermeneutic monoculture aim to stablish a standard, tell a unique story about the feminine and nature, as well as put an operational necrotheology. Therefore arises a religiosity, which rails at the cosmos and settle spiritualities. Inspired by D. H. Lawrence, this article mention the importance of reforesting the bible, envision a life experience with the biblical text and briefs a cosmic and spiritual reconnection. Shall do so, in understanding of an indispensable ecofeminist afforestation motion as a plant cover practice.

**KEYWORDS:** Bible. Ecofeminism. Monoculture. Reforestation.

---

### Memórias de gênese

Cresci à beira do Rio Paraíba do Sul. Reguei a planta de meus pés em suas margens enquanto ouvia a voz das ancestrais no canto de suas águas. Elas falavam do tempo que passou, quando fincaram raízes na terra de Campos dos Goytacazes, e sussurravam encantos de força para o tempo que virá, quando suas sementes germinarão outras árvores em corpos de mulheres que delas brotaram. Vez



ou outra, especialmente nos fins de tarde, todas se mostravam para mim, dançando no fundo dos olhos da minha avó, Zenita Maria.

Todas as mulheres que um dia foram para que eu pudesse ser estavam dentro de sua caixa torácica, debaixo de sua pele preta, na sua corrente sanguínea. Eu as reverenciava enquanto vovó fazia chuveiro, costurava, capinava o chão e falava com as plantas.

Em seu quintal, havia um cosmos em conexão com o feminino. Vovó revirava a terra para engravidá-las com sementes de árvores que cresciam juntas, conviviam com suas diferenças e partilhavam a vida uma com a outra. Quando eu entrava em sua pequena e grandiosa floresta, tirava a sandália dos pés e sentia forças espirituais me cercarem com amor. Ali acontecia o sagrado e eu sempre saía de lá mais viva.

Para fora dali, havia morte. A terra que veio a ser Campos dos Goytacazes esteve em disputa durante muito tempo e, durante cem anos, o povo Goytacá conseguiu manter o pertencimento do território onde eram nativos. Fincaram as raízes ali, no entanto, lentamente os colonizadores devastaram suas árvores, uma por uma.

Aos poucos e a partir da presença dos sete capitães é que foram perdendo seu espaço, pois armas de fogo e roupas contaminadas com doenças do homem branco, desconhecidas entre a tribo, foram usadas contra os Goytacazes, que foram sendo combatidos aos poucos (PARDO, 2012, p. 7)

Com a Bíblia em punho, a colonização europeia invadiu a terra dos Goytacá e fundou monoculturas de cana de açúcar. Extensos canaviais se alastraram por lá, escravizaram corpos e lugares, ceifaram florestas e conexões com o divino. O quintal da minha avó foi um espaço espiritual que resistiu à monocultura e abrigou minha infância inteira entre suas árvores.

Este ensaio traz em si o carinho por esse quintal e a reverência por sua força de floresta para desviar das monoculturas impostas sobre gentes, terras e textos, especialmente a literatura bíblica. Ele se propõe a investigar os funcionamentos necropolíticos e monoculturais da teologia, além de imaginar possibilidades de vida e conexão cósmica para nossas espiritualidades. Conectar-se ao sagrado pela natureza, reconhecendo-se parte dela e parte com ela, consiste num modo de se manter viva em meio à barbárie das colonizações, e apesar dela.

### **Monocultura hermenêutica: um flagelo**

Na escrita de D. H. Lawrence (1990), leio parte de sua infância e parte da minha. Vejo-me ali e me misturo a sua vivência e a sua substância. Assim como ele, para fora do quintal de minha avó, estive entre as paredes de construções fundamentalistas que cerceavam as experiências espirituais entre seus limites. O texto bíblico era pervertido num processo de tomada da linguagem para se adequar às representações masculinas e invariavelmente capitalistas.

Esse processo culmina naquilo que Lawrence (1990) chama de fixidez. “Uma vez decifrado, uma vez conhecido, uma vez fixo ou estabelecido seu significado, o livro morre” (Lawrence, 1990, p. 14). A



hermenêutica masculina, que se debruça sobre a Bíblia, está comprometida com uma política de morte que atinge textos e terras com monoculturas.

Em *As Veias Abertas da América Latina*, Galeano (2004) entende as práticas monoculturais como assassinatos de terras. O autor denuncia o projeto colonizador que ocorreu em território latinoamericano e acusa a lógica imperialista como assassina. No Brasil, tudo começou com o açúcar, vide Campos dos Goytacazes.

As matas tropicais percorriam a faixa litorânea que se estendia da Bahia ao Ceará e a fertilidade do solo nordestino fazia crescer os olhos dos colonizadores sobre esse canto do mundo. Eles invadiram o território, derrubaram as árvores e forçaram o plantio padronizado da cana-de-açúcar. Houve um genocídio na floresta.

Onde tudo germinava com exuberante vigor, o latifúndio açucareiro, destrutivo e avassalador, deixou rochas estéreis, solos lavados, terras erodidas. Fizeram-se, a princípio, plantações de laranjas e mangas, que foram abandonadas e se reduziram a pequenas hortas que rodeavam a casa do dono do engenho, exclusivamente reservadas para a família do plantador branco. Os incêndios que abriam terras aos canaviais devastaram a floresta e com ela a fauna; desapareceram os cervos, os javalis, a toupeiras, os coelhos, as pacas e os tatus. O tapete vegetal, a flora e a fauna foram sacrificadas, nos altares da monocultura, à cana-de-açúcar. A produção extensiva esgotou rapidamente os solos (GALEANO, 2004, p. 74)

Vegetais, animais e pessoas sucumbiram à devastação e à miséria. “Naturalmente nascida para produzir alimentos, passou a ser uma região de fome” (GALEANO, 2004, p. 74). As monoculturas, que cresciam artificialmente, davam frutos apenas para os colonizadores, que se alimentavam e enriqueciam às custas da exportação para a metrópole.

Dessa forma, fundiam-se as quatro bases de uma economia sustentada pela exploração: monocultura, escravidão, latifúndio e exportação. Essas práticas de colonização se retroalimentam e nenhuma delas atingiu sua finitude. Muito pelo contrário, foram todas atualizadas para que continuassem. As plantações padronizadas de cana de açúcar abriram precedentes para a perversão do café, o cacau e a soja neste território.

Noronha e Shlesinger (2006) compreendem a soja como um grão cujo crescimento se excedeu, visto que seu plantio foi exacerbado a ponto extrapolar os limites da vida e se alastrar nefastamente por regiões como o Cerrado e a Amazônia. Muitos seres, humanos e não humanos, tiveram que morrer para que monoculturas pudessem crescer e dar frutos que se destinam a gentes e lugares cujas representações projetam as representações das metrópoles. “O modelo agroexportador gera desmatamento, destruição de biodiversidade e expulsa os pequenos agricultores de suas terras, às vezes com o uso da violência (NORONHA E SHLESINGER, 2006, p. 122). Não há nada novo debaixo do sol.

Devastar florestas para estabelecer plantios padronizados de uma única cultura sobre um solo consiste numa prática antiga e genocida do capitalismo, que perverte a terra ao seu fim até esgotá-



la. Essa prática chega à linguagem e opera esse mesmo funcionamento sobre o texto bíblico e, de igual modo, o esgota.

Na relação com o texto bíblico, surge a tentativa de uma hermenêutica que o transpareça. Há um problema de hierarquização na prática de colocar o texto como objeto a ser desvendado, tolhendo-o da possibilidade de manifestar e exercer uma opacidade cósmica de sua natureza. No entanto, esse problema se torna ainda maior quando a interpretação pertence apenas aos grandes latifundiários da teologia, fundantes de monopólios espirituais.

A teóloga Ivone Gebara (2017) percebe a produção teológica quase sempre uma propriedade masculina. A escrita, a leitura e a interpretação do texto bíblico são historicamente conduzidas por homens. Dessa forma, surge a monocultura hermenêutica, que opera a partir do padrão e pelo padrão, fixando-o como histórias únicas sobre o solo dos textos e das mentes, tal qual Lawrence (1990) denuncia.

A interpretação era sempre a mesma, fosse dada por um doutor em teologia de seu púlpito ou pelo ferreiro grandalhão que era meu professor na escola dominical. Não apenas a Bíblia era verbalmente incutida em minha mente como uma infinidade de pisadas a socar uma superfície até torná-la dura, como também as pegadas eram sempre mecanicamente idênticas, a interpretação era fixa, tornando impossível conservar um real interesse por aquilo (LAWRENCE, 1990, p. 14)

Assim funcionam os procedimentos das histórias únicas. Adichie (2019) adverte sobre o perigo delas e aponta para aquilo que as define: o poder. “Como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder” (ADICHIE, 2019, p. 23)

Há uma obsessão pelo poder que tipifica as instituições religiosas e conduz suas hermenêuticas. Lawrence (1990) denuncia uma necessidade adâmica na alma do homem que o inclina ao desejo de ser dominador. “O coração humano precisa de esplendor, magnificência, orgulho, arrogância, glória e domínio” (LAWRENCE, 1990, p. 28).

Monoculturas pressupõem domínios, pois estabelecem hierarquias de uma cultura sobre a outra e determinam narrativas padronizadas e estereotipadas que são contadas repetidas vezes por aqueles que têm e mantêm o poder. Sempre há colonizadores operando. Adichie (2019) diz que as histórias únicas criam estereótipos, sobretudo a respeito daqueles e daquelas que são colonizados e colonizadas.

Aqueles que têm o poder são os plantadores das monoculturas e invariavelmente os colhedores de seus frutos. De acordo com as palavras de Galeano (2004), o alimento das minorias (quantitativas) se converte em fome das majorias (também quantitativas).

Na lógica da produção teológica, o poder plantou e fixou uma única possibilidade de experiência com o texto bíblico que determinou as narrativas, fundou estereótipos e fez uma cultura prevalecer sobre a outra através de suas colonizações e devastações. A classe prevalecida passa por fomes espirituais. A monocultura hermenêutica não as alimenta e tampouco lhes promete vida em abundância.



*Revista ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

Seus estereótipos patriarcais dão as noções a respeito do feminino, da natureza, dos povos originários, da população LGBTQIA+, entre outros grupos que não reproduzem o padrão masculino e resistem como devir. Nesse caso, são eles que padecem e definham espiritualmente. São eles os colonizados e as colonizadas. Importa problematizar a monocultura hermenêutica para ensaiar movimentos de desvios para fora da colonização e para dentro dos quintais e das florestas.

Onde abundou monocultura, superabundou floresta

A monocultura hermenêutica se manifesta como uma necroteologia que coloniza textos, terras, seres e devires. Entretanto, há um potente sopro de esperança que pode ser ânimo e fôlego de vida para tudo aquilo que definiu e morreu. Lawrence (1990) de fato expõe uma morte do texto, mas não a lamenta como definitiva. “A Bíblia é um livro que temporariamente morreu para nós” (LAWRENCE, 1990, p. 15)

Ao dizer sobre uma morte temporária, Lawrence (1990) nos conforta com a esperança de que ainda há como ressuscitar as terras e os textos que a monocultura erodiu e esgotou. A própria Bíblia lida com histórias de fins reversíveis. Não se trata de um salvacionismo inútil ou uma esperança ingênua. Trata-se de fabulações potentes que animam aquilo que estava morto para imaginar, tentar e compor novas possibilidades que não sejam trágicas e padronizadas.

Gebara (2022) propõe uma hermenêutica ecofeminista para o texto bíblico como a experimentação de desvio ao padrão e, portanto, nos convoca a imaginar. Ou seja, pensar e criar algo além de tudo aquilo que foi posto como dado. “A imaginação é a gente conversando com a gente sobre as possibilidades futuras de nossa vida, sobre mudanças desejáveis e necessárias” (GEBARA, 2022, p. 51).

Imaginar é re-fazer florestas em terras tomadas pela colonização e pela monocultura hermenêutica. Nossa mente guarda sementes em si e busca chão para fecundar um futuro. Se imaginamos, as árvores da graça superabundam onde o pecado da colonização abundou. “A imaginação nos diz que é possível criar outras formas de vida, que podemos tentar alternativas, ir além dos limites estabelecidos, crer nos imprevistos, ver nascer uma flor no asfalto” (GEBARA, 2022, p. 53).

Lawrence (1990) imaginou, sobretudo, em torno do livro bíblico que lhe assombrou enquanto era menino: o Apocalipse, entendido pela tradição religiosa como uma obra de João, um dos discípulos de Jesus Cristo. “Estou certo de que sempre despertou em mim viva antipatia” (LAWRENCE, 1990, p. 15). Entretanto, ele escolheu não ficar no lugar da repulsa: mobilizou sua imaginação para perturbar a fixidez do texto bíblico e fazer floresta onde havia padrão. Animou a dimensão pagã do livro para criar possibilidades de vida num enfrentamento à necroteologia e suas monoculturas.

Ao fazer isso, criou um outro afeto pela escrita que temia e evitava durante sua infância. “Temos de admitir também que somos gratos ao Apocalipse de São João por nos proporcionar vislumbres do cosmo magnífico e nos colocar em contato com ele” (LAWRENCE, 1990, p. 38). Nele, há cenas de anjos, ventos, mares, dragões, céus, cavaleiros e mulheres entrelaçados num acontecimento cósmico.



*Revista ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

Dar-se conta da força cósmica que atravessa e movimenta a Bíblia importa para desestabilizar o que foi estabilizado e reativar a vida no texto corrompido pelo processo de monocultura desencadeado pela necroteologia. “Agora, precisamos recuperar o cosmo” (LAWRENCE, 1990, p. 37)

Lawrence (1990) diz que nos falta vida cósmica. Bem, a falta que o cosmo faz em nós deixa um abismo tão imenso quanto o vazio de terras devastadas para o plantio da monocultura. Quando partes de nós são arrancadas, não há como nos sentirmos florestas inteiras ou quintais florestados.

Falta é sempre a ausência de uma parte que compõe a inteireza de algo ou alguém. O cosmos faz parte daquilo que somos inteiramente e, para Lawrence, nós formamos uma unidade com ele. Logo, se não estamos unidos a ele, não estamos inteiros.

Um dos pecados mais terríveis do capitalismo, do patriarcado e do fundamentalismo religioso está em sua ignorância ou negligência a respeito dessa unidade. Se fossem conscientes ou responsáveis diante de nossa conexão com o cosmos, jamais proliferariam monoculturas pelas terras e textos. Nenhuma árvore seria derrubada.

Restaurar a vida sobre a Bíblia passa necessariamente pela tarefa de considerar todos os seres como companhia de nossas existências, mais que humanas, e refazer as florestas que um dia foram e continuam a ser derrubadas pelas colonizações e monoculturas teológicas.

Não haverá mais morte?

A leitura de Apocalipse costuma ser uma experiência de dilaceramento seguido de recuperação. João, discípulo de Jesus e creditado como autor de acordo com a tradição cristã, escreve cartas de conteúdos repreensivos para comunidades religiosas de sua época. Em seguida, lista acontecimentos devastadores e proféticos. Narra pragas, batalhas e desaparecimentos de cidades.

No entanto, o livro não termina em estado de putrefação. Sua literatura escreve uma esperança levada a sério por pessoas cujas religiosidades seguem a orientação cristã. “E lhes enxugará dos olhos toda a lágrima e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas são passadas” (BÍBLIA, APOCALIPSE, 21, 4)

De acordo com a tradição cristã, João viu um novo céu e uma nova terra, nos quais os sofrimentos serão findados e para os quais seremos levados e levadas. Em sua visão, escrita como profecia e assim interpretada por tantos religiosos, interessa perceber que o lugar reservado aos salvos não possui nenhum tipo de comprometimento com a morte.

João afirma que Deus é quem garante a veracidade da profecia. Ela mesma promete dar água da fonte da vida para todos aqueles e aquelas que tiverem sede. Sua promessa soa em harmonia com um episódio histórico que precede o Apocalipse: toda redenção apocalíptica só seria possível em virtude da segunda vinda de Jesus Cristo que, por sua vez, aconteceria em decorrência da primeira.

A tradição cristã conta que Jesus Cristo veio ao mundo para morrer pelos pecados da humanidade. De acordo com esse mito, seu sangue teria vertido como o saldo de uma dívida. Depois de seu sacrifício, ressuscitou e ascendeu ao céu prometendo voltar com a intenção de consumir a salvação.



Antes mesmo de morrer, enquanto vivia seu ministério, disse ser o Salvador. “Eu vim para que tenham vida em abundância” (BÍBLIA, JOÃO, 10, 10)

Toda a ética da cultura cristã preconiza a vida em detrimento da morte. Suas promessas sempre orbitam ao redor da finitude do próprio fim. Como então explicar a necroteologia que funciona nas instituições religiosas e produz monoculturas tanto quanto encerra as vidas de pessoas à margem daquilo que determinam ser santidade? Realmente lhes interessa um lugar onde não há mais morte? Se sim, cabem todos e todas nesse lugar ou a evangelização compactua com políticas colonialistas de extermínio cujo poder se encarrega de selecionar quem vive e quem deixa morrer?

Carta à igreja de Laodiceia

Achile Mbembe (2018) cunhou a palavra necropolítica para dar nome ao sistema que dita quem pode viver e quem deve morrer. Para ele, a expressão máxima de soberania reside no controle sobre a vida e mortalidade. Mas, afinal de contas, quem morre? “A função do racismo é regular a distribuição da morte” (MBEMBE, 2018. p. 11). Essa formulação nos leva à resposta: há alguns marcadores sociais e consequentes classificações que determinam quem serão os mortos e matados pela monocultura. A etnia está entre seus principais.

Mbembe (2018) diz que o preconceito racial funciona como uma tecnologia destinada a permitir o exercício do direito soberano de matar. A história do Brasil dá a ver e a sentir o funcionamento dessa necropolítica. A colonização desse território não foi apenas a colonização de terras como também de gentes. E o que levava um pessoal a colonizar o outro? A distinção de suas raças. Os europeus desencadearam um projeto necropolítico de colonização e extermínio contra os povos indígenas que posteriormente atingiu também os africanos e pretos escravizados.

Entretanto, há algo que peculiariza a colonização ocorrida na América Latina: o projeto de poder europeu andava de braços dados com a teologia masculina e a monocultura hermenêutica. Eles se retroalimentavam e, juntos, desencadeavam fins de mundo. “Sob a perspectiva de divulgação da fé católica, o papado apoiou, desde o início, a expansão marítima e as ambições coloniais dos reinos ibéricos, concedendo aos monarcas, o padroado régio sobre as regiões recém-descobertas e a serem conquistadas” (MAINKA, 2017, p. 6)

Ao falar sobre a colonização ocorrida em território brasileiro, Mainka (2017) expõe uma missão. Tratava-se de uma estratégia de catequização e conversão dos povos indígenas que facilitava a dominação sobre eles, suas terras e suas espiritualidades. A religião impunha a monocultura europeia sobre a americana e colocava sua necropolítica em curso.

Enquanto aconteciam colonização nas Américas, havia caça e queima de mulheres demonizadas como bruxas na Europa. A igreja desencadeava atentados e extermínios contra o feminino. Federici (2017) observa uma triste relação entre os acontecimentos. Embora fossem distantes geograficamente, eles se aproximavam pela semelhança de seus funcionamentos.

Isso se deve ao fato de que as autoridades e o clero encontram na América a confirmação de suas teses sobre a adoração ao diabo, chegando a crer na existência de populações inteiras de bruxas, uma convicção que depois aplicaram a suas campanhas de cristianização na Europa. Dessa forma, a



*Revista ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

adoção do extermínio como estratégia política por parte dos estados europeus foi importada do Novo Mundo, que era descrito pelos missionários como a terra do demônio (FREDERICI, 2017, p. 407)

Ao desencadear mortes de tudo aquilo que não cabe no padrão masculino e branco, como fez contra os povos originários das Américas e as mulheres da Europa, a religião copulava com a necropolítica. Dessa cópula, surgia um embrião: a necroteologia, cuja doutrina estabelece dicotomias e prega a demonização de tudo aquilo que não representa sua cultura e insiste num devir cósmico de floresta. O cosmos está à beira de vomitar a monocultura de sua boca.

### **A grande prostituta**

O que difere o feminino e a cultura indígena das monoculturas e ameaça seus funcionamentos políticos é a energia cósmica de florestas que lhes compõem. A monocultura hermenêutica se apavorava com a ameaça que eles representavam à necroteologia e, portanto, buscava e ainda busca devastá-los.

Os povos indígenas manifestam a sinergia com o cosmos. A filosofia de Ailton Krenak (2020) mobiliza um pensamento de que nossa existência compõe, junto com outros seres, esse organismo que chamamos de Terra. E vai além: ele lamenta a abstração civilizatória que nos desliga da natureza

Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar em natureza (KRENAK, 2020, p. 16)

Enquanto a necroteologia desativa a conexão das gentes e dos textos com o Cosmos, a espiritualidade indígena pessoaliza e se relaciona com montanhas, árvores, águas, bichos. Krenak (2020) fala do rio Doce que, em sua etnia, atende pelo nome de Watu e ocupa a posição ancestral de avô.

A pessoalização dos rios pode também ser encontrada na Bíblia, mesmo que a monocultura hermenêutica tente soterrá-la. “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (BÍBLIA, JOÃO, 7, 38). Na narrativa, eles aparecem como seres animados.

Contar sobre os rios como elementos de uma paisagem cuja existência se limita a ser pano de fundo inanimado para a existência da humanidade abre precedentes para a instrumentalização da natureza como recurso. Isso a mata. Eis o funcionamento da necroteologia à serviço do capitalismo e, não obstante, do patriarcado.

Os rios que correm nos corpos das mulheres também são pervertidos pela instrumentalização. Suas sexualidades se estabilizam como represadas pelo patriarcado para girar a roda do capitalismo e gerar força de trabalho, enquanto suas fertilidades são reduzidas ao ventre.



Durante a época da colonização e da caça às bruxas, homens e doenças deflagaram um genocídio que decorreu numa severa decadência demográfica. Surgiu então um desespero estatal que se afoitou por novos nascimentos a fim de compensar as tantas mortes. Nesse contexto, criaram políticas públicas de combate à contracepção e ao aborto. A monocultura hermenêutica endossou o coro proclamando o imperativo de crescer e multiplicar como doutrina.

O resultado dessas políticas, que duraram duzentos anos (as mulheres continuavam sendo executadas na Europa por infanticídio no final do século XVIII), foi a escravização das mulheres à procriação. Enquanto na Idade Média elas podiam usar métodos contraceptivos e haviam exercido um controle sobre o parto, a partir de agora seus úteros de transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista (FEDERICI, 2017, p. 178)

Aquelas que, em conexão com a natureza, tinham autonomia sobre as terras de seus corpos e dos rios que as percorrem eram classificadas e demomizadas como bruxas. Zordan (2005) diz que elas eram aquelas cujas práticas e crenças delineavam modos de tratar doenças e lidar com as situações limites da existência (nascimento, acasalamento, geração e morte). Na lista de seus pecados, constavam: encantamentos, seduções, mortes de bebês, entre outros atos que sempre culminavam na lascívia. “O diabo servia-se da bruxa para testar a fé dos homens e também de mulheres virtuosas” (ZORDAN, 2005, p. 333)

A monocultura hermenêutica pregava e embasava a demonização das mulheres via mito edênico. De acordo com teólogos, Eva seria culpada pela entrada do pecado no mundo, tanto por ter comido o fruto proibido tanto por supostamente ter seduzido Adão e o provocado para comer.

A narrativa da mulher como fatalmente sedutora surge em Gênesis e reaparece em Apocalipse na imagem da grande prostituta. “Os reis da terra cometeram adultério com ela e os habitantes da terra se embriagaram com o vinho de sua imoralidade” (BÍBLIA, APOCALIPSE, 17, 2)

O funcionamento da monocultura hermenêutica consiste em transformar essa história de sedução à serviço do diabo como única história possível a ser contada sobre o feminino. No entanto, qualquer olhar mais atento ao texto bíblico, nos permite saber que esse padrão não tem fôlego para ir adiante quando se depara com Cântico dos Cânticos, um livro que leva o rio ao mar.

Situado no Antigo Testamento, sua autoria costuma ser creditada ao terceiro rei de Israel, Salomão. Trata-se de uma poesia que conta o encontro de dois amantes heterossexuais, um desaguando no outro. O livro soa líquido, transborda, escorre, molha os olhos de quem lê. “Os teus lábios, noiva minha, destilam mel” (BÍBLIA, CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 4, 11). Nessa formulação, a mulher jorra seus rios.

Não há represa para lhe instrumentalizar e lhe conter, muito pelo contrário. Parte dela a iniciativa para o encontro. “Beija-me com os beijos da tua boca” (BÍBLIA, CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 1, 1). O parceiro atende ao seu imperativo e ambos se satisfazem mutuamente. De modo algum, a poesia a coloca no lugar de fatalmente sedutora e tampouco faz seu desejo parecer irrelevante ou pecaminoso.



*Revista ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

Encanta ver o devir torrencial do feminino em Cântico dos Cânticos, seu desaguamento é um acontecimento cósmico. Gazelas, romãs, sol, videiras, pombas, lírios e árvores a contemplam. Faz-se floresta no texto.

### **O paraíso**

Desestabilizar a monocultura hermenêutica com a intenção de desviar dos funcionamentos necroteológicos passa necessariamente pela tarefa de imaginar florestas e restaurar a conexão do texto bíblico com o Cosmos e todos os seus seres. É preciso ouvir o barulho dos rios em Cântico dos Cânticos, além de sentir arder sobre a pele toda força do sol que há em Apocalipse. Só assim imaginaremos algo de paraíso para nossas espiritualidades.

Pensar a espiritualidade configura um movimento de vida que importa para práticas vegetais e ecofeministas, pois a religiosidade a perverte para fins capitalistas e patriarcais via meios de monocultura sobre terras, textos e gentes.

Se temos uma espiritualidade em conexão com o cosmos, conseguimos desviar o texto da colonização e imaginamos um paraíso para nos refugiarmos nele quando tudo ao redor padece em barbárie. Precisamos convocar a força das florestas, dos quintais das avós, das mulheres e dos rios para invadir lugares tomados pela monocultura e germinar possibilidades de vida que superabundam sobre a morte.

### **Bibliografia**

ADICHIE, C. **O Perigo de uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

DINIZ, Débora; GEBARA; Ivone. **Esperança Ecofeminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**. São Paulo: Elefante, 2017.

GEBARA, Ivone. **O que é Teologia Feminista**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

GALEANO, E. **As Veias Abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

KRENAK, A. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAWRENCE, D. H. **Apocalipse seguido de O Homem que Morreu**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MAINKA, P. A Serviço da Igreja e da Coroa-missionação, Domesticação e Colonização: os Franciscanos e os Gentios (1585-1619). *Teoria e Prática da Educação*, v. 20, n. 1, p. 5-22, 2017.



*Revista ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

MBEMBE, A. Necropolítica: Biopoder, Soberania, Estado de Exceção, Política de Morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

NORONHA, Silvia; SHLESINGER, Sérgio. **O Brasil Está Nu! O Avanço da Monocultura da Soja, o Grão que Cresceu Demais**. Rio de Janeiro: Federação de Órgão para Assistência Social e Educacional (FASE), 2006.

PARDO, Leo. Não Foi Nada Fácil: A Tardia Colonização Portuguesa e a Resistência dos Índios Goytacazes na Capitania de São Tomé. *Sobre Ontens*, v. 2012, p. 1-15, 2012.

ZORDAN, P. **Bruxas: Figuras de Poder**. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, p. 331-341, 2005

*Recebido em: 15/09/2022*

*Aceito em: 15/10/2022*

---

[1] Mestranda do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Labjor-IEL-Unicamp. Email: emanuelymiranda.em@gmail.com